

AULA

A PESQUISA EM PSICANÁLISE¹

Luiz Carlos Nogueira
Instituto de Psicologia - USP

A metodologia científica em Psicanálise confunde-se com a própria pesquisa, ou seja, a psicanálise é uma pesquisa. Em minha Tese de Livre-Docência (Nogueira, 1997), defendo a idéia de que a Psicanálise é uma experiência original e que, a partir de Lacan, podemos formalizar, com bastante segurança, a novidade dessa ciência.

Na obra de Freud nós encontramos a primeira formalização da pesquisa psicanalítica. As cinco psicanálises que Freud apresentou (Freud, 1910/1976), os cinco casos clínicos que relatou em suas obras completas, pode-se entender como sendo a transmissão da pesquisa, isto é, a transmissão daquilo que é Psicanálise.

Nos *Escritos*, a principal obra de Jacques Lacan, no artigo “A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder” (Lacan, 1958/1998), encontra-se um texto básico sobre a prática analítica, isto é, sobre a direção da análise,

1 Este texto é a transcrição de uma aula proferida pelo autor, em 6 de outubro de 1999, a convite da Professora Elizabeth Batista Pinto, no contexto da disciplina “Metodologia Científica em Psicologia Clínica”, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. As duas fitas de vídeo, gravadas pela professora, foram cedidas para essa publicação, como uma forma de homenagem póstuma. O material foi transcrito por Paulo Dobay Martins, Pedro Belarmino Garrido e Raymond Juneck, ex-alunos do professor Luiz Carlos Nogueira no Instituto de Psicologia da USP, editado pela profa. Elizabeth Batista Pinto e revisado pela profa. Helena Bicalho.

com algumas indicações da própria pesquisa. Outra publicação sobre o mesmo tema foi o livro *Lacan*, organizado por Gérard Miller (Miller, 1989), onde constam dez artigos de psicanalistas lacanianos que organizaram uma espécie de resumo dos principais conceitos e das idéias mais importantes para os lacanianos em relação à Psicanálise. O último artigo do mesmo livro, de François Regnault, que foi traduzido como “Essas Esquisitices Abundantes nos Textos Psicanalíticos” (Regnault, 1989), é um texto no qual o autor trata, justamente, da Psicanálise aplicada.

A Psicanálise aplicada é o tratamento psicanalítico. Aquilo que escapa ao tratamento psicanalítico é a teoria psicanalítica, quer dizer, aquilo que o psicanalista pode aprender através da investigação da cultura humana, ou seja, das atividades humanas, como fez Freud com a obra de Sófocles, *Édipo Rei*; ele pôde aproveitar a tragédia grega para formalizar aquilo que chamou de *Complexo de Édipo*. Na realidade, Freud aprendeu com a tragédia para fazer uma teoria psicanalítica. No artigo acima citado, de François Regnault, essas idéias encontram-se desenvolvidas de uma maneira bem interessante.

Partindo ainda da obra de Lacan, no livro *Clínica Lacaniana*, organizado pelo psicanalista carioca Manoel Barros da Motta (Motta, 1989), são descritos casos clínicos, construídos por analistas lacanianos (que foram originalmente publicados em revistas lacanianas - particularmente na *Ornicar*) e que são, possivelmente, inspirados nos casos clínicos de Freud, mas ao invés de serem cinco casos, aqui são vários, distribuídos pelas estruturas clínicas. No referido texto, encontram-se casos de neurose, de psicose, de perversão e, particularmente, casos que mostram a entrada em análise (mais adiante voltarei a abordar esta questão). A exposição desses casos clínicos é, na realidade, a transmissão da pesquisa psicanalítica. É aquilo que foi feito na análise.

Uma outra importante referência no assunto é o livro de Quinet, outro psicanalista carioca, *As 4 + 1 Condições da Análise* (Quinet, 1991), que se assemelha ao texto do Lacan (1958/1998) “A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder”, mas que foi organizado pelo autor de uma maneira muito feliz, com os vários momentos da pesquisa psicanalítica: as funções

Aula

das entrevistas preliminares, a questão do divã, o tempo na análise, o capital e a libido (abordando como lidar com a questão do dinheiro), o ato psicanalítico e o fim da análise. São momentos dessa pesquisa que são apresentados e discutidos de maneira reduzida, mas muito bem organizada.

O outro texto é: *Sport: Psychanalyse et Science*, escrito por quatro autores: Marie Hélène Brousse, Françoise Labridy, Andre Terrisse e M. Jean Sauret. Este texto foi publicado há dois anos e Sauret esteve aqui no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica, a meu convite, justamente para falar da pesquisa psicanalítica.

É importante dizer, inicialmente, que seria interessante se vocês anotassem suas questões para discutirmos no final, para que eu possa falar sem interrupção, porque é um assunto que requer um certa lógica.

Para começar, considero a psicanálise como algo original. Mas o que significa dizer isto, que a psicanálise é algo original? Que a psicanálise é uma experiência original? Significa dizer que a psicanálise introduz uma novidade na nossa cultura, na cultura humana ocidental. Para mostrar isso é preciso todo um levantamento complexo daquilo que se fez em relação ao ser humano na nossa cultura, desde a mitologia grega, a filosofia clássica e moderna, a ciência moderna - a partir de Galileu e Bacon - assim como as novas contribuições da aplicação da ciência moderna nas ciências humanas como a Antropologia, a Lingüística, a Psicologia do comportamento e que são aplicações da metodologia experimental, e, finalmente, a Psicanálise, que introduz um novo paradigma cultural.

É preciso, para entender a obra de Freud, e particularmente a obra de Lacan, compreender essa novidade cultural muito radical, no sentido de que nós não temos nenhuma referência anterior em relação à Psicanálise: a psicanálise inaugura algo de novo. O psicanalista, quando faz o seu trabalho, tem que fazer a sua análise pessoal, o que é uma novidade em termos de formação, pois a formação tradicional, científica, é sempre feita através da consciência, através dos estudos que a nossa consciência possibilita, ou seja, da assimilação do conhecimento objetivo - e esse conhecimento objetivo passa por esses métodos que eu enumerei, quer dizer, o mito, a Filosofia e a

ciência moderna, ou, se preferirem, o mito, a descrição da realidade, a introspecção, a reflexão - mesmo a reflexão dialética - e a metodologia experimental, que é uma nova maneira de refletir sobre a realidade e investigar não mais as essências, mas as leis de funcionamento.

Então, quando Freud se propôs a tratar seus pacientes, não investigando seus organismos, mas convidando-os a associar livremente, ele fez uma mudança radical na concepção em como lidar com os pacientes: não considerá-los apenas como objeto de investigação - do qual se possa obter um conhecimento através do exame desse objeto de investigação - mas, ele estabeleceu com seus pacientes, uma relação. Fundamentalmente, a Psicanálise - diferentemente do que se fazia até então - é uma relação entre falantes. Ou seja, é uma ciência humana, porque só o ser humano é um ser falante.

Portanto, quando Freud propôs a associação livre aos seus pacientes, ele introduziu um novo método de investigação, assim como Galileu e Bacon haviam inaugurado a ciência experimental na Idade Moderna, a investigação experimental, para estudar as leis de funcionamento da natureza.

É muito importante que se entenda que o experimento é uma construção ideal de investigação, de pesquisa. Todos os que fizeram curso de psicologia sabem que a ciência do comportamento é uma ciência baseada no experimento, principalmente, nos experimentos com animais, tomando-os como base do comportamento. E a idéia de comportamento foi a noção que se construiu, em meados do século passado, para introduzir o experimento na ciência humana, na ciência humana da psicologia. A psicologia saiu da introspecção - o estudo das faculdades humanas, psíquicas - e entrou no estudo do comportamento, através da experimentação, não só com os animais, mas, também, com os humanos. Ela propõe uma investigação objetiva, quer dizer, onde há uma separação entre o sujeito, que investiga, e objeto, que é investigado.

Na Psicanálise, na associação livre, não vai haver essa separação entre sujeito e objeto porque - nós sabemos - vai haver a transferência. O fenômeno da transferência, que é um fenômeno humano, não é psicanalítico, é um fenômeno que ocorre, justamente, nas relações entre os falantes. Assim a

Aula

Psicanálise possibilita uma investigação que nunca havia sido feita até então antes de Freud. E é por isso que a Psicanálise se confunde com o tratamento, quer dizer, quando se pensa em Psicanálise, se pensa em tratamento.

Freud enumerou três aspectos da psicanálise: como tratamento, como pesquisa e como uma teoria psicológica. Esses três aspectos estão sempre juntos, quer dizer, eu não posso pensar em pesquisa psicanalítica a não ser na relação analítica. Se tomarmos a teoria psicanalítica e tentarmos aplicá-la fora da relação analítica, fora do tratamento analítico, não estaremos fazendo psicanálise, mas sim pesquisa experimental. Então é como se estivéssemos investigando uma atividade humana, um comportamento humano, através de uma teoria psicológica. Isso significa transformar a psicanálise em uma ideologia, porque todos os seus conceitos, toda a sua teoria foi obtida através da relação entre falantes e não em uma relação objetiva de investigação. Nós corremos esse risco, porque a teoria psicanalítica é muito fascinante para o ser humano, mas esquecemos que aquilo que é obtido através da relação entre falantes, na transferência, é obtido por um processo inconsciente. E a consciência tenta transmitir isso, mas há um salto entre a experiência original e sua transmissão.

Toda a bibliografia citada anteriormente é uma bibliografia construída pela consciência dos analistas, a partir dos cinco casos relatados por Freud. Uma coisa é a experiência que Freud (1905/1972) teve na relação com a Dora, um caso de histeria, e outra coisa é o que ele escreveu sobre a experiência. Então, para que serve essa transmissão? Ela é a única maneira que nós temos de nos aproximar dessa realidade, que é o inconsciente, que Freud descobriu, e para o qual inventou um método de investigação. Mas esse método mostra, justamente, a nós, os limites disto - os limites entre a consciência e o inconsciente. Não há possibilidades de se reduzir uma coisa à outra. Há uma separação radical, intransponível, entre o inconsciente e a consciência. Por isso que a Psicanálise é original. Porque se pudéssemos reduzir a consciência ao inconsciente, a consciência teria um domínio dessa realidade. E o que nós percebemos, o que todo psicanalista percebe, é que ele está excluído dessa possibilidade, ele e o analisante estão excluídos dessa realidade, ou seja, ela se manifesta como um efeito da relação de linguagem - da rela-

ção dos falantes. Mas eu não tenho condição de entrar em contato direto com isso que se chama inconsciente. Nós não podemos investigar o inconsciente como um objeto da realidade.

O inconsciente é uma noção que Freud criou para dar conta desses fenômenos. E quais são esses fenômenos? São fenômenos da linguagem, basicamente: atos falhos, sonhos, esquecimentos, sintomas - principalmente os sintomas orgânicos, histéricos inicialmente. Essas manifestações são objetivas, mas isso não são o inconsciente, são efeitos do inconsciente. Então, o que Freud descobriu é que para lidar com os sintomas histéricos, ele precisava pôr em funcionamento a linguagem dessas pessoas. E pôr em funcionamento a linguagem na relação com ele, e não, estudar objetivamente a linguagem dessas pessoas, mas fazer com que elas pudessem lidar com a transferência, que é um fenômeno inconsciente. Através disso é que Freud foi extraindo uma teoria dessa experiência. Ele conseguiu elaborar as leis que ele chamou de leis de funcionamento dos sonhos, condensação e deslocamento, que eram uma novidade, pois nunca se tinha pensado em interpretar os sonhos do jeito que Freud fez. Ele foi podendo perceber como é que os sonhadores poderiam se aproximar de uma certa compreensão daquilo que sonhavam - o próprio sonhador, não o analista. O analista não compreende o sonho do sonhador. Por que? Porque se ele pudesse compreender, o sonho seria um objeto de compreensão. O que o analista faz, é por em movimento a linguagem do sonhador, fazendo com que ele associe sobre o sonho para que ele mesmo, o sonhador, possa concluir alguma coisa a respeito de seu sonho. Só que isso o analista faz, embasado na teoria psicanalítica. Ele já tem, digamos assim, a partir do seu trabalho, uma direção de análise que tem por base os princípios de análise. Os princípios de análise é que possibilitam as intervenções do analista, e com isso, o analisante vai conseguindo fazer suas interpretações.

Como eu disse anteriormente, o inconsciente não é um objeto, é uma hipótese de trabalho - que se mostra muito útil - baseada nesses fenômenos que começaram a ser investigados através da relação de transferência que Freud estabeleceu com seus pacientes. E, a partir disso, ele pôde nos relatar os cinco casos clínicos. E esse relato não é simplesmente a descrição dessa

Aula

experiência, não é, digamos assim, a tentativa de reproduzir aquilo que ocorreu na experiência entre o Freud e o seu paciente, mas é uma construção, um recorte que Freud fez dos aspectos mais importantes dessa relação.

Por exemplo, no caso da histeria de Dora, vocês sabem que Freud (1905/1972) recortou, principalmente, dois sonhos que lhe propiciaram a possibilidade de acompanhar o caso. Assim, inclui não só aquilo que ocorreu em termos de sucesso, digamos assim de mostras da eficácia do trabalho psicanalítico, mas também dos insucessos. Exatamente, o caso de Dora foi um caso de insucesso. Freud não lidou de uma maneira - hoje podemos dizer - adequada, com a transferência dela com ele, porque interpretou de uma maneira equivocada a relação dela com ele, e não com o Sr. K. Mas, isso serve para os analistas como um documento, digamos assim, de uma experiência de relação. Mesmo os casos que não foram considerados bem sucedidos, como o caso de Dora - nos quais a análise foi interrompida - podemos tomar como um insucesso, mas um insucesso do ponto de vista objetivo, do ponto de vista da consciência, de quem observa de fora o que aconteceu. Porém não sabemos se, de repente, o fato de Dora ter interrompido a análise com o Freud, não foi um passo importante para ela, para sua organização psíquica. Não temos um único meio objetivo de avaliar o processo analítico e por isso a questão dos critérios de avaliação da análise está posta. O que significa uma análise bem realizada? O que é uma análise terminada? O que quer dizer o fim de uma análise? Estas questões são específicas da psicanálise e exigem critérios também específicos da Psicanálise. Não podemos adotar critérios exteriores à psicanálise para avaliar a própria psicanálise.

Em determinado momento do século XX, alguns autores não analistas começaram a fazer críticas a respeito da cientificidade da psicanálise, adotando critérios experimentalistas para avaliar os efeitos da análise. Com isso, então, começaram a dizer que a Psicanálise não era uma ciência porque não podia provar a sua eficácia objetivamente. Mas a objetividade não faz parte do campo da psicanálise. Exatamente, o que caracteriza a psicanálise é a investigação da subjetividade. E essa investigação é uma investigação nova, que nunca havia sido feita antes na nossa cultura e que exige condições especiais. Como eu disse antes, uma dessas condições especiais é exatamente

a análise do próprio analista. É algo muito estranho se pensarmos em termos de ciência: o cientista aplica a si mesmo a ciência que ele faz. Se pensarmos bem, o conhecimento que temos da realidade é um conhecimento que não nos afeta diretamente. Mas, o conhecimento ou a experiência da subjetividade humana afeta diretamente ao próprio analista. Quer dizer, o analista, e não só o analisante, sai modificado depois de uma análise. Ele está envolvido, está implicado na relação. Ele não é um observador da relação. Isso é uma experiência nova, um tipo novo de investigação na nossa cultura. E é por isso que nós precisamos tomar cuidado quando fazemos uma avaliação da psicanálise externa à ela. Para os próprios psicanalistas é difícil essa avaliação porque toda vez que vamos fazer essa avaliação temos que recorrer à nossa consciência.

Para concluir sobre a avaliação, eu gostaria ainda de mencionar que Lacan propôs um dispositivo novo para fazer a avaliação, que ele chamou de passe. O Passe significa investigar a passagem, justamente, do analisante a analista, o que seria o fim da análise. Lacan propôs essa nova modalidade de investigação psicanalítica e os analistas lacanianos estão investigando como fazer isso. Muitas organizações psicanalíticas lacanianas tentam realizar esse dispositivo, que é complexo e não vou entrar aqui em detalhes. É um dispositivo no qual o analista que realizou sua análise vai pensar sobre sua própria análise, com uma contribuição de investigação da análise, que ele mesmo, analista, faz sobre sua própria análise e não sobre a análise de outro. Não é a exposição de um caso clínico, mas é a consideração sobre a própria análise, sendo que é o analista que se dispõe a isso. Essa foi uma proposta de Lacan aos analistas, visando contribuir para o crescimento da investigação psicanalítica.

Eu também me referi anteriormente à transferência. É importante levar em conta, então, o que ocorre na transferência. Estamos considerando que a transferência é a relação que o analisante faz com o analista, mas precisamos pensar também no que ocorre do lado do analista. O que é que o analista traz para a análise? O que Lacan formalizou, digamos assim, é aquilo que chamou de desejo do analista. Quer dizer, a análise não depende só da transferência mas, principalmente, do desejo do analista. E o que é o desejo

Aula

do analista? Diferentemente de outras linhas de psicanálise, nós não consideramos a transferência e a contra-transferência, mas a transferência e o desejo do analista. E esse desejo não é a curiosidade do analista, não é a preocupação do analista em investigar aquilo que está ocorrendo. É um ato que questiona o saber que o analisante traz.

Para que se compreenda essa questão é muito importante conhecer o que Lacan entende por entrada em análise. E estamos no campo da linguagem, e o campo da linguagem não é o campo do imediato, da observação dos sentidos, da visão, do tato etc. A linguagem supõe um novo momento mental, quer dizer, a entrada em análise não é ir ao analista, não é freqüentar as sessões de análise, mas é um ato de linguagem que muda a posição simbólica, a posição de linguagem, a relação entre o analista e o analisante. E que mudança é essa? É exatamente uma mudança na qual o analisante pode mudar de posição em relação à sua queixa, supondo que as pessoas procuram o analista para tratar de algum sofrimento que fica expresso por uma queixa, e esperando que o analista possa, de alguma forma, ter alguma resposta sobre isso. Ao invés do analista dar uma resposta ele vai questionar essa queixa, que aparece na forma de uma certa compreensão da situação que a pessoa está vivendo.

Por exemplo, no livro que eu recomendei sobre a clínica lacaniana, tem um caso que eu estudo bastante com os meus alunos: é um caso de uma analista francesa, Marie Helene Brousse, muito bem organizado e que se chama “O Destino do Sintoma” (Brousse, 1989, pp. 69-79), onde ela expõe o caso de uma paciente, chamada Senhorita X. Esta senhorita teve um episódio dramático, um espasmo após ter fumado haxixe, quando, então, teve medo de morrer. Com isso ela foi investigando, o que estaria tendo, qual tipo de sintoma era aquele, chegando à idéia que ela estaria com uma espasmofilia, que seria um diagnóstico que revelaria um certo saber que a analisante traria sobre seu próprio sintoma, sobre sua situação de sofrimento. O que Marie Helene Brousse vai mostrando, na inferência que ela teve com essa moça, é que ao invés dela se apresentar como alguém que vai dar uma solução, um remédio para esse diagnóstico, para essa queixa, ela vai convidar sua analisante a questionar esse saber. Questionar como? Não para contradizer o sa-

ber, mas para se implicar nesse saber, ou seja, para que ela possa entrar em análise, ela mesma começar a investigar essa realidade da qual ela está sofrendo, da qual ela está se queixando.

O que a psicanálise faz, em relação a qualquer queixa - e nesse sentido a psicanálise faz uma contribuição importante em relação à concepção de doença que o nosso mundo ocidental tem - é implicar o doente em sua doença. E aquilo que acontece com o nosso corpo, aquilo que acontecia nos sintomas histéricos que o Freud investigava, tem a ver com a história da pessoa, portanto, ela está implicada no sintoma. Isso é uma coisa estranhíssima para nós. Nós usamos inclusive esse álibi, muitas vezes, na relação social, e atribuímos à doença as desculpas de nossos não cumprimentos de responsabilidades. Quando na realidade nós somos responsáveis, de certa forma, pela doença. É isso que a psicanálise faz ver: que nós temos que entrar em análise e que para entrar em análise nós temos que mudar nossa posição em relação à concepção que trazemos na relação com o analista. Então, o analista sabendo disto, vai conduzir, dirigir a análise, para que a pessoa não espere dele uma resposta, um saber, um conhecimento científico, um conhecimento curativo, mas o analista vai fazer com que a pessoa se torne, de certa forma, ela mesma, um analista de si mesma. É isso que vai ocorrer no fim da análise. O sujeito traz em si as razões de seus sintomas, e é ele que pode realmente, não só investigá-los, mas superá-los naquilo que for possível. É isso que assustou, no bom sentido, Freud, pois ele percebeu que, na medida em que as pessoas falavam de seus sintomas, estes mesmos sintomas iam desaparecendo sem que ele tivesse feito nada mais diretamente: nem dado remédio, nem feito massagem, nada disso. Quer dizer, o fato da pessoa mesma falar - ou seja a linguagem - produzia efeitos terapêuticos. Essa foi a grande descoberta de Freud, quer dizer, a linguagem, a nossa linguagem, tem o efeito de transformação da nossa realidade, e que hoje podemos chamar, da nossa realidade de gozo, ou seja, daquilo que vai além do prazer e que também traz sofrimento.

Assim, as nossas doenças - para a Psicanálise - não só trazem sofrimento, mas também têm prazer, também têm gozo, implicado nelas. E isto encobre para a nossa sociedade, para a nossa cultura, a possibilidade das

Aula

peçoas poderem se dar conta disso: o uso que elas estão fazendo da própria doença. É um pouco estranho dizermos isso em nossa cultura porque alguém poderia pensar: “Como eu posso me responsabilizar por uma doença que foi produzida por algum vírus, por alguma situação externa a mim, digamos assim, em que eu me sinto completamente desresponsabilizado por isso?” Eu não vou discutir isso, mas vocês vão ter que pensar um pouco: todas as articulações, todas as relações nas quais estamos envolvidos nos levam muitas vezes a determinadas doenças, mesmo que estas sejam produzidas por micróbios.

Hoje, com a influência de mais de 100 anos de Psicanálise, já temos um meio de interpretar aquilo que ocorre conosco de uma maneira mais ampla do que simplesmente separar a nossa realidade da realidade externa a nós. Essa separação, entre interno e externo, não ocorre mais com a psicanálise, quer dizer, a linguagem liga interno e externo; aquilo que nós falamos é o nosso corpo, também, não são só as nossas idéias. As nossas idéias refletem, portanto, o nosso corpo.

Como eu disse anteriormente, que o outro aspecto da relação é o desejo do analista e é com ele que nós vamos fazer o processo de investigação, processo que vai levar, na realidade, o analisante a questionar o seu saber, a se colocar - ele próprio - como um investigador de si mesmo. É nesse sentido que a noção de cura em análise é completamente diversa da noção de cura em medicina. Na medicina a cura é feita pelo médico, a alta é dada pelo médico. Em Psicanálise não vai ser possível fazer isso, porque na realidade estamos supondo que é o próprio analisante que está se curando, isto mesmo no caso de mantermos a noção de *cura*, pois esta supõe um restabelecimento de algo perdido, da saúde perdida. Em Psicanálise estamos supondo que o perdido é muito anterior ao próprio sintoma. O perdido é a própria realidade humana que, ao ter linguagem, introduz, na sua realidade, uma falta. Introduz aquilo que nós chamamos de desejo. E o desejo, ao mesmo tempo que nos movimenta, nos angústia, porque nós desejamos aquilo que falta. É por sermos seres falantes, por termos linguagem, é que, também, somos seres desejantes. E isso introduz a doença em nossa realidade, quer dizer, a doença tem a ver com esse problema da nossa constituição

mesma. Então não podemos falar, de fato, em re-estabelecimento de algo perdido, porque nós não vamos poder recuperar esse perdido: ele nos constitui. Ele não é um defeito. O desejo não é um defeito, mas traz problemas.

Quando fazemos análise nos damos conta de que não estamos recuperando uma saúde perdida. Continuamos angustiados, continuamos desejantes, mas conseguimos, de alguma forma, lidar com isso de uma maneira mais adequada, que não impeça, que não bloqueie a nossa produção. Mas não eliminamos nada. Não há um corte, não há uma cirurgia. Não há um desligamento de um passado, quer dizer, ao nível da linguagem nós estamos sempre, digamos assim, na simultaneidade. Estamos sempre lidando, ao mesmo tempo, com o passado, com o presente e com o futuro. O nosso imaginário está articulando, através da linguagem, essa realidade complexa que é dar conta do desejo. E quando digo dar conta do desejo eu não estou pensando só nas pessoas que, de alguma forma, se estruturaram desejantemente, ou seja, a Psicanálise revela que não são todos os seres humanos que são desejantes, propriamente ditos. Existem estruturas diferentes. Existem estruturas psíquicas diferentes, mas essa realidade do desejo serve como referência para pensar as estruturas. Aquelas que não são desejantes, na realidade, se apóiam no desejo do outro.

A estrutura psicótica, por exemplo, que seria aquela que, de alguma forma, não se mostra capaz de entrar em análise - o psicótico não pode, de fato, questionar o seu saber, porque esse saber não está constituído por ele mesmo, vem de fora, vem como alguma coisa que ele instala como uma prótese, como algo artificial que não o constitui - então, há para Lacan um tratamento possível, com o psicótico, mas não uma psicanálise.

Em todo caso, os analistas tentam investigar, cada vez mais, a psicose, para ver como lidar com esse fenômeno, a ponto de Lacan ter reformulado muito sua teoria a partir da psicose. Aliás, Lacan começou a Psicanálise com a questão da psicose, diferentemente de Freud, que começou com a histeria. A estrutura psicótica não tem condições de linguagem para a Psicanálise, Lacan propõe um tratamento possível. O psicótico tem linguagem, como todo ser falante, mas o tipo de relação que ele estabelece com o outro é dife-

Aula

rente daquela de um ser desejante. E o perverso deu um encaminhamento diferente para esse desejo. É como se ele estabelecesse o seu universo fechado de desejo. É como se ele fosse uma pessoa auto-suficiente em termos de relacionamento. Ele, também, tem dificuldades de se relacionar analiticamente, de fazer a sua análise. De certa forma, é como se ele não precisasse, digamos assim, questionar o seu saber.

Mas eu estou simplificando muito, só para falar das diferenças das estruturas, para falar da entrada em análise. Com isso, pode-se perceber que nem sempre é possível uma pesquisa analítica. Quando não é possível? Quando não se estabelece uma relação propriamente analítica, propriamente transferencial. Eu posso, como analista, querer fazer uma pesquisa. Posso querer fazer uma análise com alguém e alguém pode querer fazer análise comigo, quer dizer, são vontades conscientes, mas de fato, a relação não se constitui. Não se constituindo a relação não há pesquisa. Alguém poderia dizer “mas, então, o que há?”. Há pessoas que vão ao analista por vários anos, e o que elas estariam fazendo lá? Pode ser que elas não tenham entrado em análise. Eu diria que, de certa forma, acaba havendo uma relação de sujeito e objeto. Acaba havendo uma relação, digamos, de uma confiança, de uma transferência imaginária, de uma suposição de saber com relação ao analista, na qual ele, digamos assim, seja meu confidente, meu orientador, aquele que pode me dar uma orientação. Isso funciona, principalmente, no caso de psicose, porque o psicótico, *apoiando-se* na confiança que ele tem no outro, sente que tem uma orientação e não fica perdido, não fica desorientado.

A estrutura neurótica não pode ficar nesse nível, ela tem que entrar em análise senão fica alienada na relação com o outro. Com isso, entra-se em contato com aquilo que poderíamos chamar de construção do caso. A construção do caso é o resultado da pesquisa analítica. Vejam que isso é muito diferente de uma tese experimentalista. Por que? Porque uma tese experimentalista visa, na realidade, descrever principalmente como é que as coisas funcionam, como é que a partir aquilo que eu observei, de uma maneira estatisticamente trabalhada, eu poderia concluir alguma lei universal. A Psicanálise não tem essa condição, porque a universalidade da Psicanálise é feita

pela construção da linguagem do analista. A pesquisa mesma do analisante é particular, é singular. Pode-se pensar cada caso como um romance, como se fosse escrito por um escritor. Eu posso, digamos assim, fazer diários das minhas sessões analíticas. Eu analisante, posso, a cada vez que faço uma sessão de análise, chegar em casa e fazer um diário, e acumular diários de muitas sessões. Essa seria uma primeira construção, porque eu passo da relação de vida para a relação de linguagem, percebem? Já há uma mudança de nível. Quando eu consigo colocar no papel aquilo que ocorreu entre eu e o meu analista, ou quando o analista faz isso em seu consultório, escrevendo o que aconteceu entre ele e o analisante, cada um de nós está construindo uma pesquisa. É por isso que não adianta gravar a sessão de análise, porque a gravação da sessão de análise é a objetividade de um recorte, assim como a escrita do analista ou do analisante são recortes. Nós não conseguimos reproduzir aquilo que foi vivido. A nossa linguagem é irreproduzível: o passado passou. Mas a descrição, digamos assim, daquilo que ocorreu - que é muito cara à ciência experimental, porque ela tem a natureza para ser investigada - aquilo que nós podemos descrever no diário, é a descrição de uma construção. Qual construção? A investigação do analisante.

Quando o analisante associa livremente ele já está construindo a sua realidade inconsciente. Ele está associando livremente, e portanto está produzindo alguma coisa nova. Ele não está, simplesmente, reproduzindo algo que ele viveu. Sabem como é que Freud chamou isso? Recordações encobridoras. E o que são recordações encobridoras? Não é o passado, não é a reprodução do passado. É o passado atravessado pela linguagem de quem escreve esse passado, e então, já com uma mudança de nível. Mas, é através dessa recordação encobridora que nós podemos ir construindo, nos aproximando do que chamamos de inconsciente. Podem-se dar vários nomes: inconsciente, falta, desejo; os matemáticos diriam: zero. Nós não temos alguma coisa de fato, uma substância, um objeto que nós estejamos investigando. Não, nós estamos construindo um objeto, objeto de linguagem. Nós quem? O analisante e o analista: o analisante, fazendo a sua associação livre, e o analista, falando de casos, como Freud inicialmente fez.

Aula

Assim, na construção do caso, pode-se fazer uma diferenciação de nível. O primeiro nível seria o nível da descrição; o segundo nível seria o da conceituação. No caso de Dora, por exemplo, Freud foi entremeando a descrição da relação que ele teve com ela - aquilo que ela dizia e aquilo que ele falava, intervindo na fala da Dora - com a conceituação de suas intervenções e com a reflexão sobre o que tinha ocorrido.

Lacan (1951/1998) em seu texto “Intervenção sobre a Transferência”, comenta o caso Dora, mostrando as intervenções de Freud quando ele pergunta à Dora o que ela tinha a ver com aquilo que ela estava se queixando. Quando Freud fez a pergunta, Dora fica espantada, porque - e essa é exatamente a questão - ele estava querendo implicá-la naquilo em que ela estava acusando o outro. Dora não estava percebendo que aquilo que ela estava falando de seu pai era uma preocupação dela. Essa intervenção tem que ser explicada por Freud. Ele vai explicar qual é o sentido que está vendo no relato de Dora, do ponto de vista inconsciente. O que a consciência dele pode entender sobre o porquê de Dora estar tão alienada em relação àquilo que ela estava dizendo? O que é que estava condicionando essa alienação? Essa é uma questão para o analista. Essa é uma questão que Freud foi investigando até chegar, justamente, a nos mostrar os mecanismos de defesa, e como lidamos com esses mecanismos na relação com o outro, como nos defendemos daquilo que nos angustia, principalmente, em relação à sexualidade.

Assim, Freud foi investigando e construindo uma teoria para explicar as suas descrições. Então, os analistas, hoje em dia, têm um conjunto teórico conceitual para dar conta da relação analítica. Isso é universal, isso se aplica a qualquer ser falante. Mas não sabemos, de antemão, como é que aquele cliente *Y* vai realizar essa conceituação. Não estamos aplicando a ele esse conceito. O que estamos fazendo é convidando-o a associar livremente, mas não sabemos, de antemão, como é que isso vai ser feito, porque sua associação é singular. O que sabemos é que ele vai repetir, de alguma forma, essas estruturas universais conceitualizadas por Freud e por outros analistas.

Existe também um outro nível de formalização, de construção de caso, que é, digamos assim, o nível que Lacan chamou de matêmico, e que tem uma conotação matemática, real, porque o discurso da ciência moderna usou como sua linguagem a matemática. Mas por que a ciência moderna usou a linguagem matemática como sua linguagem? Porque a linguagem matemática se distancia dos casos singulares para criar símbolos universais que possam dar conta da realidade investigada.

A nossa matemática, a matemática humana, é uma linguagem. E são símbolos criados pela nossa linguagem que substituem a linguagem natural, da língua. A linguagem matemática serve para qualquer língua: qualquer ser humano, pelo menos aqueles que usam o alfabeto originado do latim, lendo $2 + 2 = 4$ ou $a + b = c$, sabe, independente de qual seja a sua língua, que isso tem um significado. Portanto, a linguagem matemática é a linguagem que serve para fazer ciência, pois a ciência pretende, justamente, uma linguagem universal - o conhecimento que ela obtém da realidade deve ser um conhecimento que possa ser usado pelos seres falantes em geral. E a Psicanálise vê-se diante de um impasse, ou seja, a sua investigação é uma investigação do singular, do particular - cada analisante vai fazer uma investigação - e essa investigação serve para ele, não serve para o outro. O que é que serve para o outro? Aquilo que passa pela mediação da linguagem do analista, quer dizer, aquilo que passou pela linguagem do Freud. É por isso que eu afirmo que a Psicanálise é uma ciência nova, porque Freud foi capaz de construir um corpo de conceitos universais a partir dessa experiência nova, dessa experiência singular. Lacan, então, tentando aproveitar a linguagem matemática, tentou criar símbolos mais abstratos ainda do que os conceitos iniciais da Psicanálise.

Lacan tentou construir alguns símbolos para falar da realidade analítica, por exemplo, a realidade da fantasia. Ele disse que a fantasia é uma relação desse sujeito que já está assujeitado à linguagem e tem relações de conjunção e de disjunção com esta falta, com alguma coisa fora da linguagem. O que é esse fora da linguagem? No caso de análise não é alguma coisa da realidade, mas é aquilo que põe um impasse na linguagem, aquilo que corta

Aula

a linguagem, questiona a linguagem, que é essa idéia de falta, de vazio, de zero.

Então, quando temos uma fantasia o que estamos fazendo? Estamos construindo uma linguagem para dar conta de uma falta. A fantasia, ao mesmo tempo, nos aparece como algo irreal - é uma fantasia, nós dizemos, é um sonho - alguma coisa que não existe, que foi construída pela minha imaginação, mas tem uma função real para lidar com meu desejo. A fantasia é um elemento importantíssimo na experiência analítica, porque toda investigação analítica, no fundo, se reduz a um percurso das fantasias, o que Lacan chamou de travessia do fantasma, da fantasia. Atravessar, no caso, significa que as associações livres nada mais são do que construções fantasmáticas que vão dando conta de como é que eu lidei com meu desejo.

Pois, quando se acompanha um caso como o da Senhorita X (Brousse, 1989) por exemplo, que é o que podemos chamar de destino do sintoma, a analista vai, então, mostrar como é que a analisante foi podendo, através de sua associação, falar de todos os momentos significativos da sua fantasia e da sua relação com as pessoas significativas da sua realidade. Por exemplo, ela diz assim: “Abre-se agora uma segunda fase”, que ela chamou de o gozo da mãe, pois foi depois dessa situação que a analisante entrou na análise, durante a qual a senhorita X cuidou de procurar outro nome para o sintoma do qual sofria. Então, ela já estava questionando o seu saber, já não era mais espasmofilia. Foi “a angústia de ser roída pelo seu ex-amigo” (Brousse, 1989, p. 73), frase da senhorita X, ou de “estar presa na espera da sua volta” (p. 73) que a levava à aniquilação. Essas frases, podemos dizer, são o nosso objeto de pesquisa.

É a linguagem da analisante que se pode gravar, fixar como algo que possa ser analisado por ela, primeiro, depois por outros analistas.

Esse segundo período da análise da Senhorita X, começou com a elaboração da posição onde a havia colocado sua relação com o amigo, posição de falta em ser, pois até então o pai tinha aparecido em seu dizer como um marco absoluto: ela era o seu orgulho, deveria seguir os estudos segundo o desejo dele, e com sua ajuda vigilante, e, como ele tinha paixão pela música, ela combinara os dois numa vocação precoce de certeza absoluta, tornando-se professora de violoncelo. (Brousse, 1989, pp. 73-74)

Vejam, está é uma construção da senhorita X sobre a sua realidade. Ela revela sua fantasia, mostra como ela foi construindo a sua realidade, como foi fazendo as identificações que a levaram a tomar certas decisões na realidade. Observa-se que essas fantasias determinam a realidade do sujeito: “Meu instrumento é a minha coluna vertebral”, disse a Senhorita X na primeira entrevista (Brousse, 1989, p. 74). O encontro com o homem, portanto, a tinha feito cair; desde então ela se sentia desfalecer. Quer dizer, a relação com este ex-amigo abalou as suas identificações. Foi um momento importante na travessia da fantasia esse questionamento, quer dizer, já na sua investigação. Ou seja, no momento em que ela começou a sua análise esse foi um relato importante de mudança em relação à sua própria realidade. Foi um momento de mudança em seu saber estabelecido, momento no qual ela podia se ver de outra forma, através da análise, através da pesquisa analítica. Vê-se, então, um aspecto fascinante da análise, de que a pesquisa analítica, ao mesmo tempo que é uma pesquisa que traz conhecimentos para a pessoa a respeito da sua própria fantasia, tem também um efeito terapêutico.

Assim, a análise não faz a separação que a ciência moderna faz, entre a realidade e a pesquisa. A ciência moderna, para investigar a realidade, constrói um laboratório numa outra realidade semelhante à natural e cria fatos científicos nesse laboratório. A queda dos corpos, por exemplo, é investigada pelo físico não pela observação natural, mas observando aquilo que é construído por ele em laboratório. De certa forma em Psicanálise o dispositivo analítico - a associação livre, a transferência, a intervenção do analista - é um certo laboratório, porque a relação analítica é artificial. Não tenho a mesma relação com as pessoas em geral como aquela que eu tenho com o analista. Esta forma de relação decorreu de Freud, decorreu de uma invenção do Freud. Mas, essa invenção não separa, justamente, o analista do analisante. Cria entre eles uma realidade de ligação, de relação e, ao fazer isso, a investigação é a própria realidade, de tal forma que a pessoa começa a ter efeitos, digamos assim, dela mesma desde o início da análise.

Por exemplo, só de pensar em procurar um analista, já vou modificando a minha fantasia. Muitos têm essa experiência no momento em que se decidem procurar um analista. Assim, a pessoa chega no analista e diz: “Já

Aula

estou me sentindo melhor! Demorei tanto para me decidir a procurá-lo, e no entanto agora que estou aqui, parece que não tenho mais problemas”. Isto ocorre porque houve todo um trabalho interno independente da relação direta, imediata, com analista. Porque já houve um trabalho de linguagem independente da relação com o outro.

Então, voltando à análise da Senhorita X, ele, o amigo qualificado por ela de objeto precioso, perfeitamente belo, algo satisfeito em suas atividades, para nada precisava dela. Vejam que isto é uma fantasia: ela evocava a falta de seu desejo por ela, o que a deixava como a única desejante. Ela tinha um sentimento de que ele não a via no sentido próprio do termo: “ele me esbarrava sempre como se não me visse, ele passava por cima de mim” (Brousse, 1989, p. 74). Sua relação com ele era feita de espera e de lamentação, e nisso ela reproduzia a pantomima materna feita para o pai, “não quero ficar como minha mãe, sempre quis ser diferente dela, incapaz de reagir” (p. 74). Essa é uma conclusão que ela tira da análise e que revela, exatamente, aquilo com que ela estava lidando, mas que ela não teria podido se dar conta se não estivesse fazendo análise, se não pudesse colocar sua linguagem em movimento. O fato de dizer isto ao analista é menos importante do que dizer para ela mesma, pois faz com que a pessoa entre em contato consigo, com sua fantasia e com isso começar um movimento de transformação. Não é que a transformação se dê imediatamente - como eu disse, a causação psíquica não é imediata - ela requer uma mediação complexa, de reflexão, de idas e vindas, um processo dialético e complexo de passagem. É diferente da relação de causação entre os objetos, entre coisas materiais, onde eu empurro esse objeto e tenho um efeito imediato de causação. A causação psíquica entre as pessoas, que chamamos de processos de identificação, de alienação e de transferência, é algo complexo e demorado. Assim, uma análise também é algo complexo e demorado.

Interrogante: Luis Carlos, eu gostaria de saber se você, nesses minutos finais, poderia amarrar um pouco mais a questão da pesquisa na pós-graduação. Como você vê essa questão?

Luiz Carlos Nogueira: Diante dessa questão, sobre a pesquisa propriamente analítica, a cultura começou a se dar conta de como aproveitar os conhecimentos advindos da Psicanálise fora da relação analítica. Esta é uma questão importante. Por exemplo, foram produzidos testes psicológicos projetivos que têm uma fundamentação psicanalítica. O conhecimento que a Psicanálise começou a transmitir, na cultura, possibilitou a produção de provas psicológicas que pudessem de certa forma investigar, fora da relação analítica, aquilo que a Psicanálise propõe. Esta é uma influência psicanalítica no campo do comportamento. Essa é uma possibilidade de pesquisa. Saurer, que é professor de psicologia clínica em Toulouse, na França, quando esteve aqui em São Paulo, falou um pouco sobre isso, mas não houve muito tempo para ele desenvolver suas idéias.

Como podemos aproveitar a experiência analítica na pós-graduação? Na realidade o que temos feito aqui no IPUSP, no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, pelo menos eu e alguns outros professores analistas, é desenvolver esse trabalho de construção do caso, construção da Psicanálise enquanto pesquisa. Então, o que supomos aqui? Supomos que a pessoa que vai fazer um trabalho de tese em Psicanálise, a partir de uma pesquisa em Psicanálise. O que significa fazer pesquisa em Psicanálise? Significa que a pesquisa é a própria análise. Significa que ela possa ter entrado em contato com as pesquisas de outros analistas, inicialmente, daquele que fundou a Psicanálise, Freud, e de outros analistas que a pessoa se transferenciou e que ela está investigando. No meu caso, é Lacan. Eu fui em um determinado momento pesquisar e ele me orientou na minha pesquisa. Então, isso vai possibilitar a construção de um caso, a redação de um trabalho de pós-graduação, de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado. Por exemplo: a pessoa pode fazer um trabalho em relação a um caso clínico, uma investigação que ela está fazendo, como Freud fez em relação ao caso Dora. Isso é uma pesquisa psicanalítica. Poder relatar um caso clínico conceitualmente e matematicamente, é um trabalho de pesquisa.

Interrogante: Será que Freud tinha em mente uma generalização quando ele fazia suas pesquisas?

Aula

Luiz Carlos Nogueira: Sem dúvida. Freud era um cientista, um neurologista, que estava muito imbuído da ciência moderna. Ele estava preocupado justamente em fazer da Psicanálise uma ciência.

Interrogante: Como se discutiu em aulas anteriores, e acho que para mim é muito polêmico, a pesquisa dentro da Psicanálise... porque a idéia de uma tese seria, partir do singular, do laboratório, da realidade, para o geral. Isso seria o núcleo de uma pesquisa. Agora.... partindo da Psicanálise fica muito complicado...

Luiz Carlos Nogueira: É isso que eu estava dizendo: da psicanálise fica a descrição. Ela parece muito singular, mas de fato não é. Desde o momento em que você começa a falar sobre uma coisa você já coloca a realidade no nível da linguagem. Isso já é pesquisa. Mas a Psicanálise conceitua, constrói conceitos sobre essa experiência. O primeiro que fez isso foi o Freud, nos casos clínicos. Aquilo que Freud escreveu não é simplesmente a descrição objetiva do que ocorreu. Alguns analistas começaram a gravar as sessões, porque seria mais fidedigno à realidade, mas isso é uma concepção objetivante da Psicanálise, que não leva em conta que não está havendo, ali, uma relação objetiva. O analista não é um observador do analisante, ele está implicado na relação, senão não há transferência. Depois da relação você pode fazer a construção. Então alguém pode dizer: Como eu vou avaliar isto? O grande problema da transmissão da Psicanálise é a sua avaliação. Era isso que eu estava dizendo para vocês: eu não tenho condições de dizer se aquilo que o analista construiu é certo ou errado, nós não temos essa categoria de certo e errado, porque não temos um objeto que sirva de referência comum. Até o próprio analisante, lendo - se ele pudesse ler a construção de seu caso, feita pelo analista - ele poderia não aceitar isso. Por que? Primeiro, porque ele não tem os mesmos conhecimentos que o analista tem e, segundo, porque é uma outra realidade que está se fazendo aí, na construção do caso pelo analista. Mas se não fazemos isso, se não conceitualizamos, se não construímos o caso, a Psicanálise não cresce em termos de conhecimento, em termos de ciência. Ela fica, digamos assim, paralisada em um ritual, repetitiva. É preciso que os analistas possam refletir sobre a experiência. Essa foi uma das razões pelas quais Lacan pensou em um dispositivo para pensar

a experiência: o dispositivo que hoje em dia se chama de passe, que é uma tentativa do próprio analista conceitualizar sobre sua análise para um grupo de pessoas, para outros analistas.

Uma tese de psicanálise, basicamente, vai fazer isso: ou construir o caso ou fazer uma construção conceitual distanciada dos casos, tentando discutir um conceito de Psicanálise, por exemplo, a transferência. Já existe todo um conjunto de autores que estudaram a transferência, então um pesquisador da psicanálise pode fazer uma pesquisa teórica, no sentido do conceito, mas ela não é teórica na medida em que a Psicanálise não separa a prática da teoria. Se eu estou fazendo uma investigação dos textos de Freud eu estou implicado nisto. Todo mundo aqui que leu algum livro de Psicanálise sabe que, quando começa a ler sobre Psicanálise, a pessoa se sente questionada: e eu como é que fico diante disso? Isso não ocorre quando nós estudamos Física, Química, Biologia. Biologia ainda até pode ser, porque a gente também se relaciona com o corpo. Mas na Psicanálise é inevitável. Se eu estou estudando um caso clínico imediatamente eu relaciono comigo.

Uma tese de psicanálise, no nível lacaniano, tende a ser matemática, ou seja, eu vou trabalhar a partir da pesquisa analítica, da análise, tentando matematizar o caso. Ou, posso também fazer um trabalho teórico, no sentido da teoria psicanalítica e investigar um conceito psicanalítico - através dos autores da psicanálise. Aí, estou aprofundando esse conceito, mas é evidente que estou supondo que este investigador fez sua pesquisa pessoal, analítica, porque senão ele não vai poder acompanhar aquilo que os analistas falam sobre o conceito analítico. Há uma linguagem analítica, há um código analítico feito pelos analistas. Uma pessoa leiga, a não ser em alguns livros de divulgação, não vai entender o que os analistas estão falando sobre a Psicanálise. Assim como eu não vou entender um livro de física se eu não conhecer física. Só com o bom senso eu não posso acompanhar o que a ciência moderna faz, porque ela já tem uma metodologia especial para investigar a realidade. A Psicanálise também. A associação livre, a intervenção do analista, o desejo do analista, ou seja a psicanálise propõe um método novo de investigação. Uma pessoa leiga não pode fazer isto, não pode entender isto. A não ser os textos que os analistas produzem para falar da Psicanálise de uma maneira a

Aula

transmitir para o grande público o que é a psicanálise. Por exemplo, há trinta, quarenta anos atrás, Virgínia Bicudo - uma psicanalista paulista - escreveu alguns artigos para educadores sobre Psicanálise no jornal *A Folha de São Paulo*. Muito interessante a capacidade didática da Virgínia Bicudo para transmitir a psicanálise para pessoas que não eram analistas, mas que tinham um interesse pela Psicanálise. É um esforço porque a pessoa tem que traduzir em linguagem comum conceitos que são complexos e que supõe a experiência analítica. E aí perde-se, evidentemente, muita coisa, porque a pessoa que não teve a experiência analítica e não vai poder acompanhar o que os analistas falam. É uma nova experiência.

Referências

- Brousse, M.- H. (1989). O destino do sintoma. In M. B. da Motta (Org.), *Clínica lacaniana: Casos clínicos do campo freudiano* (pp. 69-79). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brousse, M.- H., Labridy, F., Terrisse, A., & Sauret, M.- J. (1997). *Sport: Psychanalyse et science*. Paris: Presses Universitaires de France / Pratiques Corporelles.
- Freud, S. (1972). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 1-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1972). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). História clínica de Schreber. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 15-127). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1976). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1976). História de uma neurose infantil. O homem dos lobos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1977). Análise de um caso de neurose obsessiva. O homem dos ratos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund*

Luiz Carlos Nogueira

- Freud* (Vol. 10, pp. 157-252). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1977). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. O caso do pequeno Hans. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 13-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). Intervenção sobre a transferência. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 215-225). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1951)
- Miller, G. (Org.). (1989). *Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Motta, M. B. da. (Org.). (1989). *Clínica lacaniana: Casos clínicos do campo freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nogueira, L. C. (1997). *A psicanálise: Uma experiência original; o tempo de Lacan e a nova ciência*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Quinet, A. (1991). *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Regnault, F. (1989). Essas esquisitices abundantes nos textos psicanalíticos. In G. Miller (Org.), *Lacan* (pp. 123-134). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido em 09.06.2004
Aceito em 06.08.2004

